|  |
| --- |
| **I. *Dados de Identificação*:****Escola:** E.E.E. Virgínius da Gama e Melo **Professor (a):** José Valmi**Professor (a) estagiário (a):** Maxwell Barbosa Medeiros**Disciplina:** História **Série:** 2º Ano “B” Ensino Médio **Turma:** 26 discentes **Período:** 2017 **Tempo:** Duas aulas de 45 minutos **Turno**: manhã |
| **II. *Tema:*** - Romantismo e a Belle Époque. |
| **III. *Objetivos:*** - Analisar o surgimento do Romantismo e suas vertentes;- Analisar o contexto que permitiu o surgimento da leitura como hábito e o mercado que se formou em volta dele;- Discutir sobre as mudanças no cotidiano da época, comparando a vida noturna atual com a do século XIX;- Analisar as mudanças ocorridas no campo do sepultamento e nos ritos de morte, citando exemplos de nosso estado para facilitar o entendimento. |
| **V. *Conteúdo:***- O contexto histórico em que surgiu o romantismo e a *Belle Époque*;- Literatura romântica, Realista e Naturalista;- As mudanças nas percepções de higiene pessoal e coletiva;- A vida noturna nas cidades europeias; |
| **VI. *Desenvolvimento do tema*:** A aula constitui-se de dois momentos: 1) Apresenta-se o conteúdo e através de questionamentos, procura-se estimular os alunos a expressarem os conhecimentos que possuem acerca do romantismo e da Belle Époque.2) Na sequencia serão entregues trechos de “O Cortiço”, “Dom Casmurro”, e “Iracema”. |
| **VII. *Recursos didáticos:*** Quadro branco e lápis; utilização de trechos de obras de Machado de Assis, José de Alencar e de Aluísio de Azevedo |
| **VIII. *Avaliação:*** A avaliação será continua levando-se em consideração a participação dos discentes nas aulas. Alguns critérios serão levados em consideração tais como: a interação dos discentes diante dos questionamentos e das indagações feitas sobre o tema apresentado.  |

**Anexos:**

**Entre o Romantismo e a Belle Époque**

* Romantismo: movimento artístico que defendia o apego ao sentimentalismo e a um passado rural. Encontrou ressonância em uma população que havia sido desalojada do campo. Se popularizam os Contos de Fadas.
* Derivados do romantismo, surgem o Realismo e o Naturalismo. O primeiro valorizava o presente, com uma narrativa mais crítica e direta. Já o segundo, uma forma mais radical do realismo, se propunha a retratar de maneira obvia todos os detalhes da vida social e em todos os seus aspectos.
* Nas artes plásticas, a pintura expressionista se destacava por captar as cores claras da natureza, retratavam as paisagens de fundo, o que foi alvo de críticas e zombarias do público e da crítica.
* Com o aumento da alfabetização da população urbana aumenta o número de leitores, havendo uma expansão da imprensa, de editoras e o aumento do número de livrarias.
* O modo de vida burguês substitui o modo de vida aristocrático como modelo a ser copiado pela população. Introdução de regras de etiqueta e o culto a privacidade.
* Melhorias na questão sanitária e mudanças nos hábitos de higiene pessoal.
* Surgimento de uma vida noturna, com a presença de cafés, restaurantes e teatros.
* Belle Epoque: Período referente às últimas décadas do século XIX até a I Guerra Mundial. Período de euforia com as descobertas científicas. Surgimento do estilo arquitetônico Arte Nouveau.

**Trechos de leitura para os alunos**

OLHOS DE RESSACA

Tudo era matéria às curiosidades de Capitu. Caso houve, porém, no qual não sei se aprendeu ou ensinou, ou se fez ambas as cousas, como eu. É o que contarei no outro Capítulo. Neste direi somente que, passados alguns dias do ajuste com o agregado, fui ver a minha amiga; eram dez horas da manhã. D. Fortunata, que estava no quintal nem esperou que eu lhe perguntasse pela filha.

—Está na sala penteando o cabelo, disse-me; vá devagarzinho para lhe pregar um susto. Fui devagar, mas ou o pé ou o espelho traiu-me. Este pode ser que não fosse; era um espelhinho de pataca (perdoai a barateza), comprado a um mascate italiano, moldura tosca, argolinha de latão, pendente da parede, entre as duas janelas. Se não foi ele, foi o pé. Um ou outro, a verdade é que, apenas entrei na sala, pente, cabelos, toda ela voou pelos ares, e só lhe ouvi esta pergunta: —Há alguma cousa? —Não há nada, respondi; vim ver você antes que o Padre Cabral chegue para a lição. Como passou a noite? —Eu bem. José Dias ainda não falou? —Parece que não. — Mas então quando fala? —Disse-me que hoje ou amanhã pretende tocar no assunto; não vai logo de pancada, falará assim por alto e por longe, um toque. Depois, entrará em matéria. Quer primeiro ver se mamãe tem a resolução feita... — Que tem, tem, interrompeu Capitu. E se não fosse preciso alguém para vencer já, e de todo, não se lhe falaria. Eu já nem sei se José Dias poderá influir tanto; acho que fará tudo, se sentir que você realmente não quer ser padre, mas poderá alcançar?... Ele é atendido; se, porém... É um inferno isto! Você teime com ele, Bentinho. —Teimo- hoje mesmo ele há de falar. —Você jura? —Juro. Deixe ver os olhos, Capitu. Tinha-me lembrado a definição que José Dias dera deles, "olhos de cigana oblíqua e dissimulada." Eu não sabia o que era obliqua, mas dissimulada sabia, e queria ver se podiam chamar assim. Capitu deixou-se fitar e examinar. Só me perguntava o que era, se nunca os vira, eu nada achei extraordinário; a cor e a doçura eram minhas conhecidas. A demora da contemplação creio que lhe deu outra idéia do meu intento; imaginou que era um pretexto para mirá-los mais de perto, com os meus olhos longos, constantes, enfiados neles, e a isto atribuo que entrassem a ficar crescidos, crescidos e sombrios, com tal expressão que... Retórica dos namorados, dá-me uma comparação exata e poética para dizer o que foram aqueles olhos de Capitu.

**Iracema**

Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema. Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira. O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado. Mais rápida que a corça selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas. Um dia, ao pino do Sol, ela repousava em um claro da floresta. Banhava-lhe o corpo a sombra da oiticica, mais fresca do que o orvalho da noite. Os ramos da acácia silvestre esparziam flores sobre os úmidos cabelos. Escondidos na folhagem os pássaros ameigavam o canto. Iracema saiu do banho: o aljôfar d’água ainda a roreja, como à doce mangaba que corou em manhã de chuva. Enquanto repousa, empluma das penas do gará as flechas de seu arco, e concerta com o sabiá da mata, pousado no galho próximo, o canto agreste. A graciosa ará, sua companheira e amiga, brinca junto dela. Às vezes sobe aos ramos da árvore e de lá chama a virgem pelo nome; outras remexe o uru de palha matizada, onde traz a selvagem seus perfumes, os alvos fios do crautá, as agulhas da juçara com que tece a renda, e as tintas de que matiza o algodão.

**O Cortiço**

João Romão foi, dos treze aos vinte e cinco anos, empregado de um vendeiro que enriqueceu entre as quatro paredes de uma suja e obscura taverna nos refolhos do bairro do Botafogo; e tanto economizou do pouco que ganhara nessa dúzia de anos, que, ao retirar-se o patrão para a terra, lhe deixou, em pagamento de ordenados vencidos, nem só a venda com o que estava dentro, como ainda um conto e quinhentos em dinheiro. Proprietário e estabelecido por sua conta, o rapaz atirou-se à labutação ainda com mais ardor, possuindo-se de tal delírio de enriquecer, que afrontava resignado as mais duras privações. Dormia sobre o balcão da própria venda, em cima de uma esteira, fazendo travesseiro de um saco de estopa cheio de palha. A comida arranjava-lha, mediante quatrocentos réis por dia, uma quitandeira sua vizinha, a Bertoleza, crioula trintona, escrava de um velho cego residente em Juiz de Fora e amigada com um português que tinha uma carroça de mão e fazia fretes na cidade. Bertoleza também trabalhava forte; a sua quitanda era a mais bem afreguesada do bairro. De manhã vendia angu, e à noite peixe frito e iscas de fígado; pagava de jornal a seu dono vinte mil-réis por mês, e, apesar disso, tinha de parte quase que o necessário para a alforria. Um dia, porém, o seu homem, depois de correr meia légua, puxando uma carga superior às suas forças, caiu morto na rua, ao lado da carroça, estrompado como uma besta. João Romão mostrou grande interesse por esta desgraça, fez-se até participante direto dos sofrimentos da vizinha, e com tamanho empenho a lamentou, que a boa mulher o escolheu para confidente das suas desventuras. Abriu-se com ele, contou-lhe a sua vida de amofinações e dificuldades. “Seu senhor comia-lhe a pele do corpo! Não era brinquedo para uma pobre mulher ter de escarrar pr’ali, todos os meses, vinte mil-réis em dinheiro!” E segredou-lhe então o que tinha juntado para a sua liberdade e acabou pedindo ao vendeiro que lhe guardasse as economias, porque já de certa vez fora roubada por gatunos que lhe entraram na quitanda pelos fundos.